

Funaro defende reforma

Brasília — O ministro Dilson Funaro negou que tivesse defendido em entrevista coletiva, ontem em Brasília, a criação de um Ministério da Economia. Ao assistir o noticiário da TV-Globo, o ministro ficou espantado com a deturpação de suas palavras na notícia divulgada. Funaro defendeu apenas uma reforma administrativa, na qual é necessário melhor coordenação da economia deixando a Seplan com a sua antiga função de assessoramento.

Funaro passou o fim de semana em Brasília e recebeu os correspondentes estrangeiros em sua casa, na Península dos Ministros. A entrevista, de hora e meia, foi interrompida diversas vezes para que Funaro atendesse a telefonemas de banqueiros, do presidente José Sarney e do presidente do Banco Central, Francisco Góis. Funaro recebeu também um telefonema de "solidariedade" do ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, que durante a conversa com o ministro defendeu a necessidade de devedores e credores encontrarem novos caminhos de negociação, que levem uma tranquilidade maior tanto à nação devedora como ao sistema financeiro internacional.

— Esta é exatamente a posição que nós defendemos aqui no Brasil — comentou o

ministro após o telefonema, quando informava o teor da conversa com Kissinger.

Funaro explicou que o país não pode negociar sua dívida desajustando internamente a economia e defendeu a necessidade de adoção de formas alternativas de negociação. O ministro criticou a forma como vêm se realizando as negociações da dívida, através da rolagem da dívida a cada ano e meio. "Isto assusta os investidores, que querem investir com tranquilidade." Este ano, segundo ele, o Brasil terá que pagar 8,3 bilhões de dólares de juros, sendo que 5,6 bilhões de dólares aos bancos privados.

Os caminhos alternativos para esta negociação, no entanto, não foram revelados por Funaro. "Isto será exposto aos credores, mas com o objetivo de reduzir os custos da dívida." O ministro, ao contrário do que afirmara anteriormente, disse que a sua ida para os Estados Unidos esta semana para negociar com os bancos credores ainda não está definida. "Tudo vai depender de como será a semana", comentou Funaro, sem prestar maiores esclarecimentos. Ele disse, porém, que não acredita que os bancos adotem retaliações ao Brasil.